

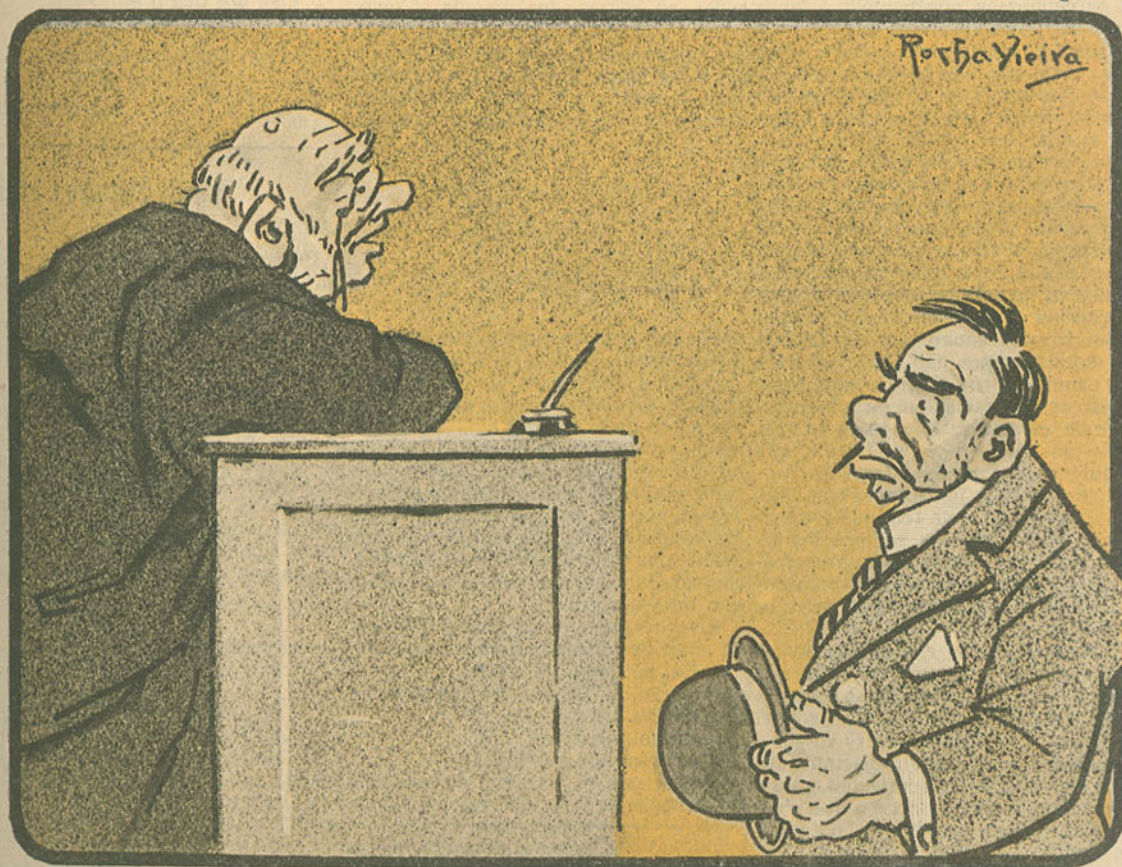


Director ALBACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lmt.

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

## Bôa alma



- Porque razão matou a sua mulher?
- Para casar com outra.
- Para isso não precisava de assassinar; bastava divorciar-se.
- Ora, essa, sr. juiz! Eu, felizmente, tenho sentimentos religiosos!



## PALESTRA AMENA

## Atores

Tenham a bondade de lêr a seguinte noticia do correspondente das Caldas da Rainha para um jornal da capital: «Retirou para S. Martinho do Porto, Nazaré e Figueira da Foz o ator cançonetista Tomaz Vieira, que aqui agradeceu imenso».

Sugere-nos esta noticia algumas considerações que se nos afiguram de monta.

Toda a Lisboa culta, isto é, a que frequenta o teatro D. Amélia-Republica-S. Luiz conhece o ator Tomaz Vieira, moço de aspecto sisudo, lento, estudioso, estudando os seus papeis com consciencia e probidade e realizando as personagens sempre aceitavelmente. Pois bem: qual d'essas pessoas supoz alguma vez que Tomaz Vieira viesse a agradar muito como cançonetista, isto é, como artista desenvolvido, de intenções maliciosas, por ventura com sua pirueta de vez em quando e seus esgares comicos? Poucas ou nenhuma, constituindo o facto uma verdadeira surpresa, que mais se acentuará se na proxima época Tomaz Vieira explorar em Lisboa o genero para o qual agora se vê que tem maior vocação, embora n'outros nunca tenha sido infeliz.

Surpresa para muita gente, sim, mas não para nós, que pela experiencia já longa—nós, os velhos, temos o triste jus da nossa idade, como disse o poeta—já longa de teatro, como espectadores, temos assistido a transformações semelhantes, de artistas que entregues a si proprios em digressões á provincia ou ao Brasil reaparecem em Lisboa com aptidões que não lhes conheciamos, mudados no feitio, expansivos quando eram acanhados, galans quando eram *centraes*, diferentes inteiramente do que eram ou d'aquilo que nós julgavamos que eles fossem.

Alguns até—é inutil accentuar que esta observação nada tem que ver com o caso presente—que sempre nos tinham parecido actores mediocres, appareciam-nos depois como artistas excellentes, enfileirando de subito entre os de mais nomeada.

Resta procurar a explicação e essa parece-nos ser a seguinte: o artista que começa tem de subordinar-se constantemente ás lições do ensaiador e este, em geral, não as sabe dar. O vulgar é o ensaiador querer que o discipulo lhe copie os gestos e as inflexões, n'um falso ensinamento, porque o que n'um individuo parece natural não o é n'outro; assim o ensaiador destrua a espontaneidade d'aquelles a quem julga ensinar, não lhes aproveita as qualidades naturaes, de onde resulta um actor não ser mais, durante anos, senão a reprodução, sempre contrafeita e para peor, do ensaiador do teatro onde trabalha.

Sae de Lisboa o ator; fica entregue aos proprios recursos, não teme as re-

preensões do *mestre*, nem a plateia admiradora quasi exclusivamente dos *mesres*, e assim, confiado, sem peias, patenteia as suas facultades plenamente, reconhece quanto vale e como vale, regressando á capital disposto a não sacrificar a sua individualidade, pelo que de vencido passa depressa a vencedor.

Deve ser isso, mas se estamos em erro pedimos desculpa.

J. Neutral.

## Como se diz?

A proposito da repartição dos generos alimenticios por meio de rações, acto a que a autoridade respeitável em subsistencias, não em linguagem—deu o nome de «racionamento», já alguns jornaes nos vieram dizer que a dita autoridade deu bota e que a palavra propria é «arraçoamento».

Estavamos naturalmente indicados, pelo nosso saber, para juizes do pleito, e se fossemos consultados não faltaríamos da nossa parte soluções para o problema: aventariamos pelo menos uma duzia de vocabulos obedecendo a todas as regras da filologia. Como, porem, não fomos chamados a terreiro, por ignorancia certamente de quem o devia ter feito, limitamo-nos a contar uma anedota, por idéas associadas, sem desprimir para ninguem e principi-



palmente sem analogias que os mal intencionados podiam attribuir-lhes.

E vem a ser o caso de um dia dois caloiros se envolveram n'uma discussão sobre qual fosse o modo de dizer mais correto, se «Dêem-me de beber» ou «Dêem-me que beber». Ambos aduziam razões de peso e nenhum cedia á argumentação do contrario, e, vendo aproximar-se um quintanista, os dois estudantes de preparatorios concordaram em que este resolvesse a questão, que lhe expuzeram.

Eis a resposta do quintanista, depois de ouvir atentamente ambas as partes:

—Eu, no logar de vocês, não dizia «Dêem-me de beber» nem «Dêem-me que beber».

—Então que diria?

—«Levem-nos a beber».

E com esta se afastou, deixando os dois rapazolas boquiabertos.

## Correspondencia

X. T. (Alemquer)—Vá cavar batatas, que é para o que tem vocação.

Libório—Não temos tempo para ensinar meninos. Agarre-se á gramatica e estude.

Loura—Mande v. ex.<sup>a</sup> seus mimos poeticos e á vista falaremos e julgaremos.

## Horas liricas

*Não prendas a rôla brava  
Porque é o tempo dos ninhos:  
Quem sabe se ela levava  
Sustento para os filhinhos?*

*Não sentes como palpita  
Esse pobre coração?  
Deixa-a voar, coitadita!  
Tem dó da sua aflicção!*

*Se tu soubesses o bem  
Que é a nossa liberdade  
(Só sabe quem a não tem!)  
Não fazias tal maldade.*

*Eu, que n'uns olhos traidores  
Tão depressa me prendi  
Por via dos meus amores,  
E' que sei o que perdi!*

*Perdi a maior valia  
Que nos deu a natureza:  
O desejo, essa alegria  
A que chamamos tristeza.*

Mascara Azul.

## Comodidades alemãs

O estado-maior alemão, não se dando bem com os ares d'o seu antigo quartel general em França, transferiu-o ha dias para Verviers, instalando-o na Praça Verde, requisitando muitas dezenas de *chaises-longues*, ao que narra um telegrama de Amsterdam.

Que os homens escolhessem a Praça Verde, é naturalissimo, porque a côr verde simbolisa a esperanza; quanto ás *chaises-longues*, porém, achamo-nos intrigados, porque não é facil encontrar a explicação da exigencia. Serão para ripanso dos officiaes, fartos das sovas que teem gramado ultimamente?



Para bem fazerem a digestão da comida de urso que o Foch lhes tem fornecido? Encobrirá o facto alguma ideia belica de grande alcance, consistindo em transformar as *chaises-longues* em maquinas de guerra?

Seja como fôr, dos boches esperamos todas as surpresas, incluindo a de se deitarem a dormir e deixar arder.



## Açambarcadores

Onde começa e onde acaba o açambarcamento? Eis uma pergunta a que ninguém nos sabe responder. Pode alguém trazer cem grammas de farinha de trigo de fóra da cidade? E se fôr um quilo? Po' e trazer meio quilo de batatas? E se trouxer dois quilos?

Para fóra de Lisboa pode levar 100 grammas de assucar? E um quilo? E dois quilos?

Misterio. No entanto, do que nos contam e vamos narrar, deduzo o leitor o que lhe convier, para seu uso e governo.

Um fiscal das subsistencias mandou parar ha dias, em plena rua do Ouro a sr.<sup>a</sup> D. Eufrazia Limpa-unhas, dama das mais volumosas da nossa primeira sociedade.

—Alto, minha senhora! Está muita-da.

—Mas... por quê?



—Leva aí mais melancias do que necessita para seu consumo.

—Eu, sr. fiscal?!

Valeu á pobre senhora o aparecer na ocasião um empregado superior da fiscalisação das subsistencias, o qual, conhecendo de perto a D. Eufrazia certificou ao seu subordinado que ella não tinha talhadas a mais nem a menos.

Terça feira passada foi feita uma busca a casa do meu amigo Pinto Escova, por palpite de um fiscal que na repartição respétiva tinha lido a declaração em que o mesmo Pinto, para poder comprar dez quilos de assucar, afirmara que tinha dez pessoas de familia.

A rusga entrou e verificou que a familia do Pinto se compunha apenas de cinco pessoas.

—Paga a multa correspondente! bradou o chefe da escolta. Declarou familia a mais.

O Pinto:

—Pago, mas na propria repartição. Acompanho-os.

Acompanhou e provou na repartição que tinha... duas familias, cada uma de cinco pessoas, com a differença de que uma d'elas era regular e a outra não santificada pela egreja.

Pois de nada lhe valeu a prova e a familia irregular nunca mais se lambou com uma pitada de assucar, porque o caso não foi previsto na lei, tendo o homem de pagar duas multas: a primeira por falsa declaração, a segunda como açambarcador de pessoas do sexo feminino.



*Em João*

## O "croupier"

*Vai o nome em francez, por mais decencia;  
E' aquele sujeito delicado  
Que deita a bola no momento asado  
Com muita habilidade e competencia.*

*Que, sorrindo depois á concorrencia,  
Estende a pá com rapido cuidado  
E, n'um leve esticção para o seu lado,  
Nos arrasta o dinheiro com prudencia.*

*E' d'uma requintada cortezia;  
A sua frase hespanholada encanta;  
Tem por nós uma grande simpatia.*

*E até veneração, tão funda e tanta  
Que nos dá Dom sem termos fidalguia...  
Que excelente varão! Que sacripanta!*

BELMIRO.

## Aplicação eficaz

Um telegrama de Hespanha:  
«Um deputado ministerial disse que a visita do sr. Ventosa, commissario dos abastecimentos, a San Sebastian, originará immediatamente uma importante medida do governo.»

Ora aí está: a Hespanha resolve as crises emquanto o diabo esfrega um olho. Para a dos abastecimentos, como estava naturalmente indicada uma medicação violenta, applicou-lhe a Ventosa, emquanto que nós applicamos panos quentes. Somos uns bananas.

## Os mortos da Russia

Não queremos a morte de ninguém —credo! com um coração tão sensível como o nosso!— e somos incapazes de brincar com coisas serias, mas a verdade é que algumas entram fatalmente nos dominios do humorismo: cançaram-se os jornalistas a biografar o Lenine, depois de lhe noticiarem a morte, para dias depois o darem como vivo; o mesmo tinha acontecido com Wladistof,



com Serpief— e com outros varios cavalleiros de nomeada, de nomes terminados em *of* e em *ef*. Já com o tzar acontecera coisa semelhante: deram-no por morto cinco ou seis vezes, outras tantas como resuscitado, até que o mataram de vez, se qualquer dia não aparecer novo desmentido.

Lembra o caso, salvo seja, dos espetaculos teatraes ultimos, definitivos, irrevogaveis, etc. etc. com *reprises* no dia seguinte!

## Livros uteis

Chegam-nos á mão alguns livrinhos da colecção «Femina», de tal utilidade que os não incluímos na secção habitual, para que dêem mais na vista do leitor. São receitas culinarias, entre ellas *Vinte cinco maneiras de cosinhar o bacalhau* e *Vinte cinco maneiras de cosinhar o arroz*.

Confessamos que nunca nos tinha passado pela cabeça que com o mesmo ingrediente se conseguisse tão grande variedade de petisqueiras, mas confessamos tambem que tivemos uma amarga desilusão com a leitura: para cosinhar o bacalhau de 25 maneiras é indispensavel... o bacalhau, assim como para cosinhar o arroz de 25 maneiras é indispensavel... o arroz. Lembra a historia da sopa de pedras...

Querido editor: — o ideal seria cosinhar o bacalhau e o arroz sem bacalhau nem arroz. Tudo o mais, no tempo que vae correndo, só serve para fazer crescer agua na boca.

## Figurino

*Sobrecasaca preta, diagonal,  
Com tres botões de rosa na lapela,  
Elegante chapéu còr de canela.  
Gravata còr de ginja garrafal;*

*Camisa azul ferrete, de percal,  
Luvas brancas, compradas no Grandela,*

*Colete verde-mar, calça amarela,  
Sapatinho de fino cabedal.*

*Assim é que ele vinha! Alguem, ao vêr*

*Aquela original policromia,  
que faz o arco-da-velha esmorecer,*

*Pergunta, com malicia e cortezia:  
—Vocencia faz favor de me dizer  
Se ha aqui perto alguma drogaria?—*

Luiz Calado Nunes.

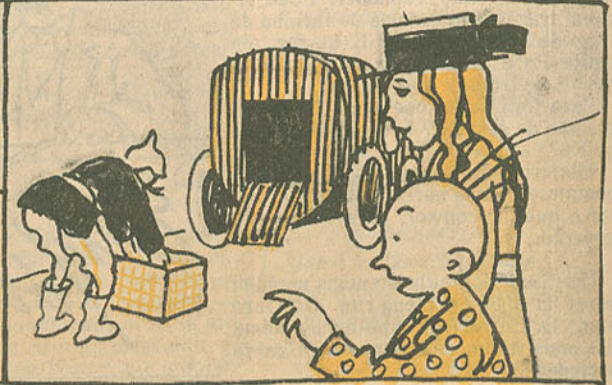
## AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

29.ª Parte — 8.º Episodio

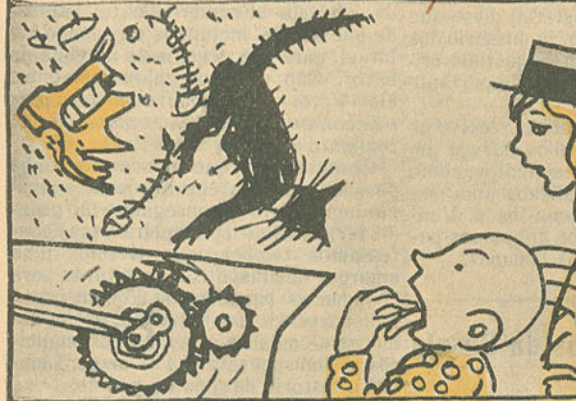
(Continuação)



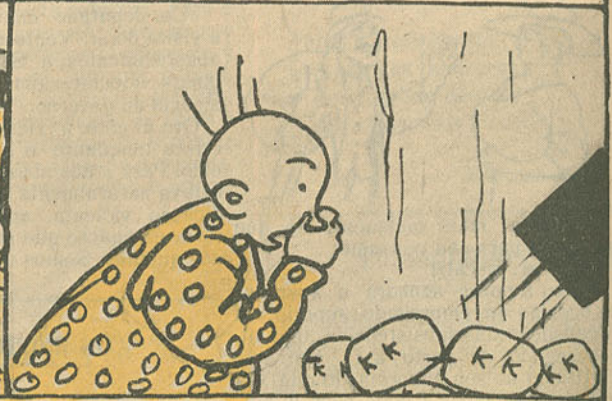
1.—Ao despertar, Manecas fica admiradíssimo por ver que automaticamente lhe é servido o almoço: Uma atambazadíssima chavena de café com leite e um pão kolossal.



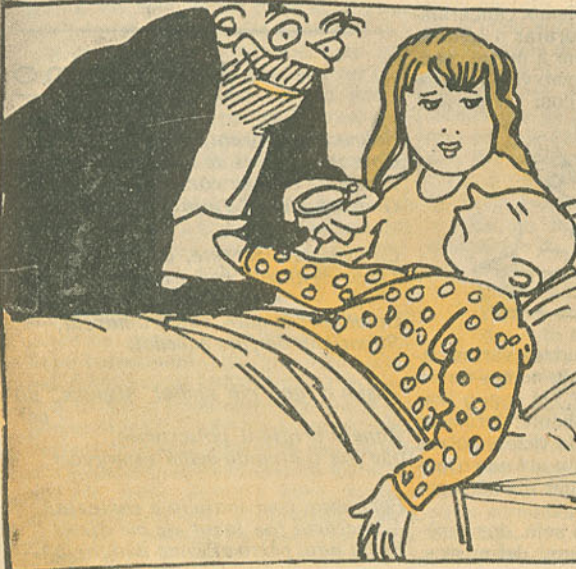
2.—Pouco depois da refeição recebe a visita da filha de Von Boche que, cada vez mais apaixonada, lhe propõe uma visita pela cidade, em automovel.



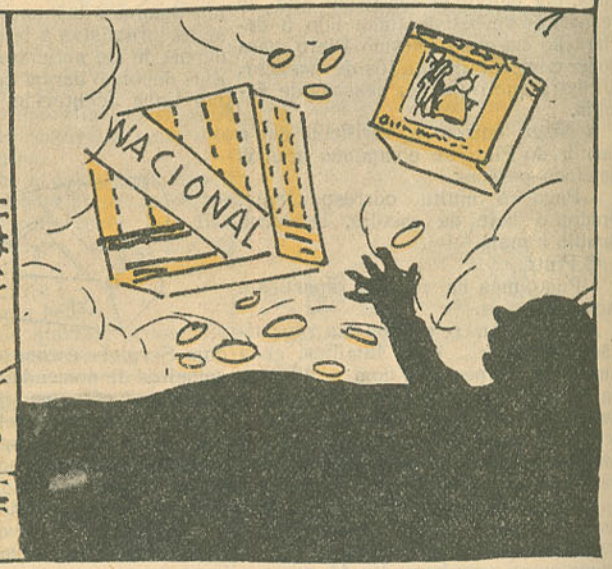
4.—Começou por visitar minuciosamente uma fabrica de moagem mas Manecas, que pelo caminho tem reparado em que uma legião de soldados recolhem cuidadosamente o lixo em caixotes, só agora compreende a aplicação que este tem na Alemanha.



4.—Seguidamente e para terminar a visita á fabrica de moagem passam á dependencia onde se encontra o pão fabricado por tão higienico processo mas o ambiente é tão insuportavel que Manecas coloca a mão no nariz para não vomitar.



5.—De volta sente-se deveras indisposto e, ao recolher a casa, mete-se na cama com uma forte indisposição. O medico, chamado a toda á pressa, toma-lhe o pulso constatando-lhe 40 graus de febre; no entanto, tem esperanças de o salvar.



6.—Manecas está deveras atrapalhado e, como calmante, troca de vez em quando a sua beijoca furtiva com a filha do governador que lhe é desvelada enfermeira; porém, no delirio da febre, sonha que está em Portugal mastigando as deliciosas bolachas da fabrica «Nacional».

(Continúa)